

# A Consciência enquanto Singularidade

Consciousness as Singularity

La Consciencia como Singularidad

Rodrigo Marchioli\*

\* Advogado e Professor Universitário. Doutorando em Teoria Geral e Filosofia do Direito. Mestre em Direitos Humanos. Voluntário da *Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial (ASSIPI)*.

[rodrigo.marchioli@gmail.com](mailto:rodrigo.marchioli@gmail.com)

## Palavras-chave

Categorias  
Objetos  
Realidade  
Teorias

## Keywords

Categories  
Objects  
Reality  
Theories

## Palabras-clave

Categorías  
Objetos  
Realidad  
Teorías

## Resumo:

O presente trabalho se propõe a tratar da definição e categorização da consciência sob a ótica da Conscienciologia. Inicia com apresentação sucinta do panorama das principais teorias explicativas sobre a consciência, mais correntes atualmente, agrupando-as em 3 vias: a catafática, a apofática e a analógica. Em seguida, reúnem-se as várias definições de consciência no âmbito da Conscienciologia para que se possa compreender se é oferecida definição que efetivamente dê conta do que é a consciência e, em qual das vias essas definições se encaixam. Constatado que as definições propostas pela Conscienciologia permeiam as mais variadas vias e não oferecem definição amplamente satisfatória, percorre-se pelas categorias mais fundamentais existentes a fim de se verificar se há enquadramento adequado. Ao se verificar que a consciência na perspectiva conscienciológica não se enquadra nem nos objetos físicos, nem nos lógicos/psicológicos, desenvolve-se a possibilidade de a consciência poder ser explicada a partir da categoria das singularidades.

## Abstract:

The present paper assesses the definition and categorization of consciousness from the perspective of conscientiology. It begins with a succinct presentation of the panorama of the main explanatory theories about consciousness, more current today, grouping them in three ways: cataphatic, apophatic, and analogical. Next, the various definitions of consciousness within the scope of conscientiology are brought together, so that it can be understood whether a definition is offered that effectively accounts for what consciousness is, and in which of the ways these definitions fit. Once it is verified that the definitions proposed by conscientiology permeate the most varied routes and do not offer a broadly satisfactory definition, we run through the most fundamental existent categories in order to verify whether there is an adequate framework. Upon verifying that consciousness, in the conscientiological perspective, does not fit into either physical or logical/psychological objects, the possibility arises that consciousness can be explained on the basis of the category of singularities.

## Resumen:

El presente trabajo se propone a tratar la definición y categorización de la conciencia bajo la óptica de la Concienciología. Inicia con una breve presentación del panorama de las principales teorías explicativas sobre la conciencia, más corrientes actualmente, agrupándose en 3 vías: la catafática, la apofática y la analógica. Después, se reúnen las varias definiciones de conciencia en el ámbito de la Concienciología para que se pueda comprender si es ofrecida una definición que afectivamente sea capaz de explicar lo que es la conciencia y, en cuales de las vías esas definiciones se encajan. Constatado que las definiciones propuestas por la Concienciología permean las más variadas vías y no ofrecen definición ampliamente satisfactoria, se recorre por las categorías más fundamentales existentes a fin de verificar si hay encuadramiento adecuado. Al verificarse que la conciencia en la perspectiva conscienciológica no se encuadra ni en los objetos físicos, ni en los lógicos/psicológicos, se desenvuelve la posibilidad de que la conciencia pueda ser explicada a partir de la categoría de singularidades.

Artigo recebido em: 21.12.2023.

Aprovado para publicação em: 31.01.2024.

## INTRODUÇÃO

O estudo do que é a consciência é complexo e intrincado e gira em torno, basicamente, destas 5 perguntas fundamentais, em ordem funcional:

1. O que é a consciência?
2. Qual é a definição de consciência?
3. É possível conhecer a consciência?
4. É possível investigar a consciência?
5. Como pesquisar a consciência?

O presente trabalho visa tratar das respostas apenas à 1ª pergunta, sem prejuízo de ao realizar o enfrentamento dessa questão acabar por responder os outros questionamentos também.

Para se fazer isso, perpassa-se na 1ª Seção sobre as principais e mais correntes teorias do meio científico a respeito da consciência para se investigar se a abordagem conscienciológica se coaduna, de algum modo, com alguma delas.

Para se realizar essa verificação, entretanto, é necessário também conhecer a que de fato se refere a abordagem conscienciológica sobre a consciência. Por essa razão, na 2ª Seção, ao se fazer esse transcurso, toca-se principalmente nas definições apresentadas pelo proponente da Conscienciológica, Waldo Vieira (1932–2015).

No entanto, ainda se constata que existe uma multiplicidade de definições díspares sobre a consciência, as quais são, em última análise, incapazes de conferir identidade clara ao objeto estudado. Assim, entende-se ser necessário a proposição de uma nova categoria para se estudar a consciência, qual seja a categoria das singularidades. É disso que trata a 3ª Seção.

Por fim, o termo singularidade sobre o qual está fundamentada a categoria aqui proposta para investigar a consciência remonta à proposição feita por John Duns Scotus (1266–1308), e mais especificamente por Guilherme de Ockham (1285–1347) (*hecceidade*), ambos do século XIV. Porém, está fundamentada metodologicamente no sentido trabalhado por Gilbert Simondon (1924–1989) e, especialmente, Gilles Deleuze (1925–1995) nas obras referenciadas na bibliografia.

Por todos esses motivos, fica igualmente explicitada a relevância e a justificativa deste artigo para os estudos da Conscienciológica e da consciência de modo geral.

## I. TEORIAS EXPLICATIVAS SOBRE A CONSCIÊNCIA

Ao longo da história, várias foram as tentativas de definir, simbolizar ou representar a consciência na sua condição mais radical e profunda.

Dentre muitos termos, a consciência já foi referida de maneira mais ou menos simbólica, utilizando-se as 68 expressões a seguir, expostas na ordem alfabética:

01. Absoluto.
02. *Alpha*.
03. Âmago.
04. Amor.
05. *Anima*.
06. *Astī*.

07. Atemporal.
08. *Ātman*.
09. *Awareness*.
10. *Being*.
11. Causa.
12. Centelha.
13. Conhecedor.
14. Consciex Livre (Cl).
15. *Dasein*.
16. Divino.
17. Ente.
18. Espaço.
19. Espírito.
20. Essência.
21. Eterno.
22. Eu.
23. Felicidade.
24. Ilimitado.
25. Imaterial.
26. Imo.
27. Imortal.
28. Imponderável.
29. Incondicional.
30. Incriado.
31. Inefável.
32. Inerência.
33. Inexorável.
34. Infinito.
35. Íntimo.
36. Lucidez.
37. Luz.
38. Mônada.
39. Motor.
40. Movimento.
41. Nada.
42. Natureza.
43. Observador.
44. *Onthos*.
45. Paz.
46. Perfeito.
47. Pessoa.
48. *Pneuma*.

- 
49. Primopensene.
  50. Princípio.
  51. Pureza.
  52. Quididade.
  53. *Self*.
  54. Ser.
  55. Silêncio.
  56. Singular.
  57. Substância.
  58. Sujeito.
  59. Tábula Rasa.
  60. Totalidade.
  61. Tudo.
  62. Uno.
  63. Vacuidade.
  64. Vazio.
  65. Verbo.
  66. Vida.
  67. *Void*.
  68. Voragem.

Trata-se de 68 exemplos que na prática, entretanto, não ajudam muito a compreender o que é a consciência essencialmente. São na maioria dos casos representações, simbolismos, metáforas, muitas vezes bastante abstratas, vagas e aleatórias sobre o que é a consciência.

Também historicamente, escolas, filosofias e autores tentaram definir e estabelecer o que é a consciência sob as mais variadas linhas, que variam do espectro ontológico ao teológico. Essas linhas podem ser agrupadas nas 3 seguintes vias:

A. Via positiva (ou catafática): aqui se entende que a consciência pode ser investigada, compreendida e determinada pelo que ela efetivamente é, procurando-se estabelecer o que é a consciência diretamente. São exemplos dessa via, estes 4, em ordem alfabética:

1. Aristotelismo: *diaphora* (diferenciável); Aristóteles (384 a.e.c.–322 a.e.c.).
2. Catafatismo: *kataphasis* (nomeável).
3. Hinduísmo: *jnana* (conhecimento supremo).
4. Platonismo: *theoria* (contemplação); Platão (428/427 a.e.c.–348/347 a.e.c.) e a Ciência convencional de modo geral.

B. Via negativa (ou apofática): aqui se entende que a consciência não pode ser investigada, compreendida e determinada diretamente, pelo que ela é. Por essa razão não procura representar a consciência diretamente, mas indiretamente pelo que ela não é. São exemplos dessa via, estes 5, em ordem alfabética:

1. Apofatismo: *apophasis* (não nomeável); Pseudo-Dionísio (fim do séc. Vética).
2. Budismo: *anatta* (não-eu) ou *sunyata* (vazio); Sidarta Gautama (563 a.e.c.–483 a.e.c.).
3. Hinduísmo: *neti neti* (nem isso, nem aquilo); Adi Shankaracharya (788–820).

4. Judaísmo: *tzimtzum* (contrair-se para se ocultar); Maimônides (1135/1138–1204).
5. Pirronismo: *adiaphora* (indiferenciável); Pirro de Élis (360 a.e.c.–270 a.e.c.).

C. Via analógica (ou terceira via): aqui se entende que a consciência não pode ou deve ser investigada, compreendida e determinada diretamente, mas indiretamente. No entanto, não pelo que ela não é, mas por representações feitas por meio de analogias. São exemplos dessa via, estes 2, em ordem alfabética:

1. Neoplatonismo: *kataphasis* + *apophasis*; Proclus (412–485).
2. Tomismo: *analogia entis* (entidade analógica); Tomás de Aquino (1225–1274).

Contemporaneamente, existem as mais variadas teorias para explicar o que é a consciência, entre as quais principalmente as 19 listadas a seguir em ordem alfabética e acompanhadas entre parênteses de um dos seus principais autores ou propositores (Hameroff *et al.*, 2023, p. 12):

01. Abordagens sociais ou *social approaches to consciousness* (SAC) (Durkheim, 1999).
02. Dualismo cartesiano (ou dualismo de substância) (Descartes, 2005).
03. Dualismo naturalístico (Chalmers, 1996).
04. Eliminativismo (Churchland, 1986).
05. Enação (ou enativismo) (Varela, Thompson & Rosch, 2017).
06. Idealismo clássico (Fichte, 2005).
07. Identidade mente-cérebro ou *mind-brain identity* (MBI) (Place, 1956).
08. Identidade mente-objeto ou *mind-object identity* (MOI) (Manzotti, 2017).
09. Ilusionismo (Hofstadter & Dennett, 1981).
10. Monismo russeliano no âmbito do monismo neutral (Nagel, 2012).
11. Panprotopsiquismo (Russel, 2022).
12. Panpsiquismo (James, 1909).
13. Teoria da informação integrada ou *integrated information theory* (IIT) (Massimini, Tononi & Anderson, 2018).
14. Teoria do duplo aspecto ou *dual aspect monismo* (Spinoza, 2009).
15. Teoria do espaço de trabalho global ou *global neuronal workspace theory* (GNWT) ou ainda *global workspace theory* (GWT) (Baars, 1997).
16. Teoria do processamento preditivo (ou teoria da codificação preditiva) (Parr, Pezzulo & Friston, 2022).
17. Teoria sensorio-motor (ou abordagem sensorimotor) (O'Regan, 2011).
18. Teorias de ordem superior ou *high order theories* (HOT) (Rosenthal, 2005).
19. Teorias quânticas, especificamente a teoria da redução objetiva orquestrada ou *orchestrated* (ORCH) *objective reduction* (OR), ou simplesmente ORCH OR (Hameroff & Penrose, 2014).

## II. A CONSCIÊNCIA SOB A ÓTICA DA CONSCIENCILOGIA

No bojo das 19 teorias anteriormente aqui expostas, quer-se incluir mais uma, a vigésima, qual seja: a Conscienciologia. Por meio dela, pretende-se responder à pergunta fundamental sobre o que é consciência.

Inicialmente, é preciso compreender que a Conscienciologia, enquanto neociência tendo por base o paradigma consciencial, busca explicar o que é a consciência a partir do estudo das experiências pessoais dos

parafenômenos, principalmente das experiências fora do corpo (EFC) humano, também conhecidas como projeções conscientes (PC) ou projeções lúcidas (PL). Essas projeções podem se dar variadas maneiras.

Podem ser espontâneas (ex. durante o sono diário) ou induzidas (ex. pela própria vontade por meio do emprego de determinadas técnicas, ou por elementos externos à vontade, como alucinógenos ou psicotrópicos). Podem também se dar por causas naturais ou por causas traumáticas. Dentre as causas traumáticas, destaca-se a experiência de quase-morte (EQM).

A partir dessas experiências pessoais se constitui um campo epistemológico totalmente novo para investigação da consciência denominado Conscienciologia, a qual, na visão de seu propositor, é a “Ciência que trata do estudo abrangente da consciência, executado pelas próprias consciências através dos atributos conscienciais, veículos de manifestação e fenômenos conscienciais multidimensionais” (Vieira, 2009, p. 34).

De modo geral, a Conscienciologia propõe o estudo da consciência considerada em si mesma por, pelo menos, estas 5 linhas diferentes, expostas em ordem alfabética:

1. Holomnemônica: consciência = holomemória.

Exemplo: “A consciência, a rigor, é a própria memória (...)” (Vieira, 2014a, p. 351).

2. Holossomática: consciência = holossoma (“consciência inteira”).

Exemplo: “A Conscienciologia é a ciência que estuda a consciência ‘inteira’, com todos os seus corpos, existências, experiências, épocas e lugares de vida, em uma abordagem integral, projetiva e autoconsciente em relação às várias dimensões existenciais” (Vieira, 2010, p. 7).

3. Paracerebral: consciência = paracérebro.

Exemplo: “O paracérebro é o núcleo do holopense pessoal, ou seja: a **consciência** é o paracérebro” (Vieira, 2014b, p. 1.209).

4. Sinonímica: consciência = “eu”, “você”, “self”, “princípio inteligente”, “ego”.

Exemplo: “A consciência sou eu. A consciência é você. É também todas as pessoas próximas ou distantes na vida humana e todos os seres autoconscientes das dimensões fora da vida humana”. “A consciência é a nossa realidade maior, ou somos nós, mais do que a energia e a matéria” (Vieira, 2010, p. 7 e 20).

5. Tautológica: consciência é diferente de energia.

Exemplo: “O Cosmos é constituído por duas **realidades fundamentais**: a consciência e a energia, ou, em outras palavras, o pensene e a Natureza” (Vieira, 2014b, p. 538).

Pela análise combinatória, verifica-se que essas 5 abordagens conscienciológicas se enquadram nas 3 vias das seguintes formas: na via catafática, por exemplo, pode ser enquadrada a proposição sinonímica; na via apofática, a definição tautológica; e na via analógica, as concepções holomnemônica, holossomática e paracerebral.

### III. CATEGORIA DA SINGULARIDADE PARA EXPLICAR A CONSCIÊNCIA SOB A ÓTICA CONSCIENCIOLÓGICA

Diante dessa indefinição no âmbito da própria Conscienciologia, visto que nem o propositor estabeleceu qual delas prevalece, nem há consenso entre os pesquisadores conscienciológicos atualmente sobre isso, para tentar encontrar um caminho mais concreto para definição da consciência a partir da abordagem conscienciológica, propõe-se para iniciar duas questões bastante elementares:

1. A consciência é um objeto físico ou orgânico?

## 2. A consciência é um objeto psicológico ou a própria mente?

Para aprofundar a 1ª pergunta, são feitas as seguintes 6 ponderações, dispostas em ordem lógica, para se saber se a consciência:

1. Pertence à categoria dos indivíduos, dentre os quais têm proeminente destaque o cérebro.
2. Do ponto vista lógico, os objetos físicos ou orgânicos podem ser classificados enquanto contingentes ou acidentais. Além disso, estabelecem relações ao mesmo tempo de designante e designado, pois ao mesmo tempo em que designam a realidade física, também são designados pelos conceitos formulados pela lógica. No que tange à semiótica, são as secundidades (Santaella, 2009, p. 10).
3. É física, ou seja, se o seu significado pode ser apreendido do mundo físico ou material.
4. É extensa, ou seja, se é palpável e apreensível fisicamente.
5. Se encontra submetida à realidade material ou objetiva onde os objetos se submetem à linearidade do tempo, ou seja, à sucessividade passado-presente-futuro.
6. Pode ser percebida por meio de impressões pelos esquemas sensoriais corporais, tais como a exterocepção (5 sentidos), interocepção (percepção de fome, sede, cansaço, estresse, urinar, defecar), a propriocepção (percepção de cinestesia ou movimento) e a eletrização (percepção de eletricidade).

No tocante à 2ª pergunta, também com o intuito de empreender aprofundamento na indagação, são formuladas 4 ponderações elencadas em ordem lógica para determinar se a consciência:

1. É o sujeito psico-orgânico ou algum objeto mental, a exemplo dos engramas, imagos (ou paraimagos), perceptos (ou paraperceptos), cons (unidades de lucidez), subsunçores (ou estruturas linguísticas) (Schlosser, 2021, p. 561), conceitos (ou constructos) (Bucke, 1905) e as ideias.

A soma de todos os objetos pode ser denominada de objetos mentais. Esses objetos podem ser divididos em imagens mentais (objetos originados pela percepção ou imaginação, a exemplo do percepto, parapercepto e imagos) e representações mentais (objetos não originados pela percepção ou imaginação, a exemplo dos engramas, cons e subsunçores).

Saem ligeiramente dessas categorias os conceitos, os quais seriam, em tese, mesclas das imagens e das representações mentais, notadamente de perceptos e imagos. E as ideias, que também seriam, teoricamente, representações mentais, mas justamente por se produzirem pela razão surgiriam de maneira mais autônoma sem se afetar pelos outros objetos mentais.

Do ponto vista lógico, os objetos lógicos ou psicológicos podem ser classificados enquanto universais, apodícticos ou necessários. Isso ocorre, porque após a apreensão dos objetos individuais do mundo físico através dos esquemas perceptivos, a mente, em razão da sua própria estrutura funcional (ou fisiológica), os transforma em imagens e representações mentais e os acomoda em categorias universais, apodícticas ou necessárias por meio do processo lógico/psicológico de conceitualização, ou seja, transformação em conceitos. Ao fazer isso, transforma o que existia individualmente no mundo físico em conceitos universais.

Tome-se por exemplo a percepção de determinada cadeira. Essa cadeira é objeto individualizado, isolado, pertencente ao mundo físico. Mas na medida em que é conceitualizado passa a haver na mente, por meio de processos lógicos e psicológicos, o conceito de cadeira. Não existe apenas *uma cadeira* individualizada, mas *a cadeira* enquanto conceito universalizado.

Além disso, os objetos mentais estabelecem relações enquanto designantes, pois denotam as realidades do mundo físico por meio dessas categorias lógicas/psicológicas. No que tange à semiótica, são as terceiridades (Santarella, 2009, p. 11).

2. Pode ter seu significado apreendido do mundo mental, subjetivo ou formal.

3. É extensa, ou seja, apreensível não fisicamente por meio da experiência da sensibilidade, mas por meio das faculdades transcendentais do homem, a exemplo da memória (ou holomemória), a imaginação, a percepção (ou parapercepção), a lucidez, o aprendizado, o entendimento e a razão.

4. Está submetida não à linearidade do tempo, mas essencialmente às simultaneidades do presente.

Diferente do tempo cronológico no qual os indivíduos estão submetidos, aqui se trata do tempo subjetivo, psicológico ou, em certa medida, da cronemia (Bruneau, 1979, p. 429). São as chamadas “pontas do presente” ou “presentes antigos” (Deleuze, 2005, p. 121). Uma das pontas é o presente do passado e a outra é o presente do futuro e entre elas se localiza o presente do presente, conforme Agostinho já apresentou em sua obra *Confissões* (Agostinho, 2017).

As apontadas 19 teorias, em geral, enquadram a consciência em uma dessas duas categorias, ou a uma mescla de ambas, a exemplo da teoria do duplo aspecto. Isso faz com que suas definições sobre a consciência estejam mais relacionadas à via catafática.

A Conscienciologia em certas definições também se vincula à via catafática, conforme demonstrado. No entanto, refuta claramente a 1ª categoria, porque na abordagem conscienciológica a consciência não é algo físico, material ou inerente ao cérebro.

Quanto à 2ª categoria, há relativa aproximação. Embora esteja claro que a consciência não é objeto psicológico, imagem ou representação mental, há definições conscienciológicas que posicionam a consciência enquanto atributo, estrutura ou aspecto mental como se dá no caso de todas as definições, exceto a tautológica.

No entanto, quaisquer dessas abordagens parecem suficientes para definir, enquadrar e categorizar a consciência segundo a perspectiva conscienciológica, pois não permitem estabelecer caminho capaz de definir, compreender e investigar a consciência de maneira condizente com tal abordagem, considerando estas 3 assertivas dispostas a seguir em funcional:

1. Não se refere à consciência em si, mas sim atributos (holossoma, holomemória, paracérebro).

2. Remetem a outros termos e conceitos que carecem de definição apropriada (princípio inteligente, *self*, ego, eu/você).

3. Abordam a consciência pelo que ela não é (consciência  $\neq$  energia), e não pelo que ela é efetivamente.

Tais dificuldades podem ser explicadas pelas 4 seguintes hipóteses, apresentadas em ordem funcional:

1. A consciência não é um objeto fenomênico ou parafenomênico.

2. A consciência não é observável, pois o observador e observado nunca podem ser a mesma coisa.

3. A consciência não pode ser apreendida cognitivamente, nem conceituada (impossibilidade da ponte mentalsoma-soma).

4. Somente podemos “ser” a consciência, mas não a perceber.

É preciso, portanto, nova categoria que possa dar conta da consciência à luz da Conscienciologia. Propõe-se neste trabalho que seja a categoria das singularidades.

Tradicionalmente, dir-se-ia que sua essência é metafísica, ou seja, o seu significado só pode ser apreendido ou depreendido de uma realidade transcendente. Em geral, a transcendência metafísica é atrelada à categoria dos universais, justamente porque se dá fora da experiência do mundo físico. Conforme Husserl (2019), por exemplo, o lógico é transcendental.

Para Platão (2010), o inteligível, oposto ao sensível, também o é. Já para Kant, constitui-se a estética transcendental e a analítica transcendental (Kant, 2001, p. 31 e 74, respectivamente), em função dos objetos sensíveis passarem pelo processo de conceitualização, e a dialética transcendental (Kant, 2001, p. 350) por ser produto da razão cuja faculdade ativa também é transcendente.

Contudo, embora transcendententes, não são reais, por não existirem materialmente ou por não passarem de processos que produzem objetos mentais sem corresponder exata e necessariamente com os objetos existentes no mundo físico. Dito de outro modo, as imagens mentais não correspondem identicamente aos objetos individuais e as representações mentais não têm correspondência nem remotamente, nem muito menos identicamente.

Porém, aqui a transcendência é entendida diferentemente das concepções tradicionalmente adotadas. Do ponto de vista conscienciológico não é apropriado dizer que o significado da consciência ou a essência pode ser extraído da metafísica, mas sim da extrafísica ou da extrafiscalidade.

Na categoria das singularidades, a realidade embora transcendente, é real. O transcendental não é tomado em termos kantianos ou platônicos, ou enquanto algo que se refere ao plano lógico ou psicológico, nem tampouco ao da experimentação atrelado à individualidade, mas ao da singularidade, onde o que permanece, após retirados os aspectos contingentes e universais, é a essência metafísica (Deleuze, 1975, p. 113).

Por isso, no que tange ao tempo, a consciência enquanto singularidade não se submete nem à linearidade ou sucessividade dos objetos individuais, nem à simultaneidade dos objetos lógicos ou psicológicos. A consciência não está sujeita a nenhum desses dois tipos temporais. Sua relação com o tempo está muito mais associada com atemporalidades.

Quanto ao passado, associa-se ao passado puro, a exemplo das reminiscências, dos *déjà-vus*, das dobras ou lençóis do passado e da holomemória infinita.

Quanto ao presente, está ligada ao presente puro, onde reside tudo aquilo que não muda, nem se altera em absolutamente em nada. Porque se mudar deixa de ser e passa a pertencer ao plano da estrita existência. Além disso, só pode mudar aquilo capaz de ser afetado, isto é, perecer em alguma parte. Por não perecer em parte alguma a consciência não pode estar submetida à linearidade do tempo, pois tudo aquilo que está se dissolve. Por isso, a consciência está situada num presente eterno porque na concepção conscienciológica ela não perece.

Quanto ao futuro, conecta-se com o futuro puro, a exemplo dos devires, dos ciclos aiônicos e do eterno retorno de futuros liberados a partir de potencialidades absolutas e infinitas.

Ademais, a consciência tampouco teria extensão. Não é extensa nem em relação ao mundo físico, nem em relação à mente. A consciência seria algo intenso. Não uma extensidade tal como se dá com os objetos. Mas uma intensidade, estando, por esse motivo, muito mais associada a uma força, uma alma, que anima e vitaliza os objetos. Justamente por não ser extensa, a consciência seria a forma pré-individual, ou que gera a individualidade orgânica e o sujeito psicológico.

Do mesmo modo, tampouco seria perceptível, evidentemente, nem pelo esquema sensorial do corpo físico, nem pelas faculdades transcendententes do homem já mencionadas. A consciência é aformal, ou seja, não possui forma, não tem estrutura, nem estabelece relações. Quaisquer tentativas funcionalistas, analíticas ou

estruturalistas, por exemplo, para explicá-la são totalmente em vão. Por isso, sob o prisma da semiótica, a consciência poderia ser colocada enquanto uma primeiridade (Santaella, 2009, p. 11).

O interessante da abordagem conscienciológica é a abertura da possibilidade da experimentação, ou mais especificamente da autoexperimentação, para se conhecer na prática as realidades anunciadas. No caso da consciência enquanto singularidade, entende-se que tal conhecimento experiencial decorreria, em especial, da vivência da cosmoconsciência. Assim se afirma porque se entende que o que se pode vivenciar durante a experiência (Marchioli, 2023) muito se aproxima da descrição aqui apresentada da consciência enquanto singularidade.

## CONCLUSÃO

Com a pesquisa realizada, a conclusão a que se chegou é: apesar de a consciência não poder ser definida adequadamente por nenhuma das 3 vias, a via apofática apresenta maior capacidade de fornecer descrição mais próxima ou apropriada, porque leva mais em consideração os caracteres da singularidade que a distinguem. Nesse sentido, a definição tautológica é a mais promissora dentre as 5 encontradas no âmbito da Conscienciológica, especialmente naquelas apresentadas pelo seu proponente.

Além disso, a categoria das singularidades se mostrou com amplo potencial a ser explorado, pois, ao que tudo indica, realmente oferece os elementos descritivos que mais se aproximam com a realidade da consciência, principalmente quando enxergada sob a ótica do fenômeno da cosmoconsciência.

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

01. **Agostinho**; *Confissões*; trad. Lorenzo Mammì; *Companhia das Letras*; São Paulo; 2017.
02. **Baars**, Bernard J; *In the Theater of Consciousness: The Workspace of the Mind*; 210 p.; *Oxford University Press*; Oxford; 1997.
03. **Bruneau**, Tom; *The Time Dimension in Intercultural Communication*; Article; In: *Intercultural Communication; Annals of the International Communication Association*; 1979; página 429.
04. **Bucke**, Richard M; *Cosmic consciousness: A study in the Evolution of the Human Mind*; 338 p.; *Innes & Sons*; Philadelphia; 1905.
05. **Chalmers**, David; *The Conscious Mind: In Search of a Fundamental Theory*; 433 p.; *Oxford University Press*; Oxford; 1996.
06. **Churchland**, Patricia; *Neurophilosophy: Toward a Unified Science of the Mind-Brain*; 560 p.; *The MIT Press*; Cambridge; 1986.
07. **Deleuze**, Gilles; *A Lógica do Sentido (Logique du Sens)*; 360 p.; trad. Luiz Roberto Salinas Fortes; *Perspectiva*; São Paulo; 1975; página 113.
08. **Deleuze**, Gilles; *Imagem-tempo – Cinema 2 (L’image-temps)*; 424 p.; trad. Eloisa de Araujo Ribeiro; *Brasiliense*; São Paulo; 2005; página 121.
09. **Descartes**, René; *Meditações Metafísicas (Méditations Métaphisiques)*; 156 p.; trad. Homero Santiago; *Martins Fontes*; São Paulo; 2005.
10. **Durkheim**, Émile; *Da Divisão do Trabalho Social (The Division of Labor in Society)*; 536 p.; trad. Eduardo Brandão; *Martins Fontes*; São Paulo; 1999.
11. **Fichte**, Johann Gottlieb; *The Science of Knowing: J. G. Fichte’s 1804 Lectures On The Wissenschaftslehre*; 324 p.; trad. Walter E. Wright; *State University of New York Press*; Nova York; 2005.
12. **Hameroff**, Stuart; *et al.*; *The Science of Consciousness 2023*; 326 p.; *Center for Consciousness Studies*; Arizona; 2023; página 12.
13. **Hameroff**, Stuart; & **Penrose**, Roger; *Consciousness in the Universe: A Review of the ‘Orch OR’ theory*; *Physics of Life; Reviews 11*; 2014.

14. Hofstadter, Douglas R.; & Dennett, Daniel C; *The Mind's I: Fantasies and Reflections on Self and Soul*; 512 p.; Bantam; Londres; 1981.
15. Husserl, Edmund; *Meditações Cartesianas: Uma Introdução à Fenomenologia* (*Cartesian Meditations: An Introduction to Phenomenology*); 176 p.; trad. Fábio Mascarenhas Nolasco; Edipro; São Paulo; 2019.
16. James, William; *A Pluralistic Universe: Hibbert Lectures at Manchester College on the Present Situation in Philosophy*; 106 p.; Longmans, Green and Co; New York; 1909.
17. Kant, Immanuel; *Crítica da Razão Pura* (*Kritik der Reinei Vernunft*); 694 p.; trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão; 5ª Ed.; Calouste Gulbenkian; Lisboa; 2001.
18. Manzotti, Riccardo; *The Spread Mind: Why Consciousness and the World are One*; 304 p.; OR Books; Londres; 2017.
19. Marchioli, Rodrigo; *Parapercepção Mentalsomática* (N. 5.238; 07.06.2020); Verbete; In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. Coordenação da ENCYCLOSSAPIENS; revisores Equipe de Revisores da ENCYCLOSSAPIENS; Vol. Digital Único (PDF); CCXL + 34.372 p.; 3 E-mails; 11.129 enus.; 727 especialidades; 1 foto; glos. 6.500 termos (verbetes); 1 ilus.; 1.001 microbiografias; 417 tabs.; 25 websites; 22.474 bibliografias específicas; 1.048 filmografias específicas; 125 videografias específicas; 1.860 webgrafias específicas; alf.; 10ª Ed. rev. e aum.; Associação Internacional de Enciclopédiologia Conscienciológica (ENCYCLOSSAPIENS); & Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2023; páginas 25.099 a 25.104; disponível em: <<https://encyclossapiens.space/ec/ECDigital10.pdf>>; acesso em: 21.12.2023; 12h.
20. Massimini, Marcello; Tononi, Giulio; & Anderson, Frances; *Sizing Up Consciousness: Towards an Objective Measure of the Capacity for Experience*; 211 p.; Oxford University Press; Oxford; 2018.
21. Nagel, Thomas; *Mind and Cosmos: Why the Materialist Neo-Darwinian Conception of Nature Is Almost Certainly False*; 136 p.; Oxford University Press; Oxford; 2012.
22. O'Regan, J. Kevin; *Why Red Doesn't Sound Like a Bell: Understanding the Feel of Consciousness*; 224 p.; Oxford University Press; Oxford; 2011.
23. Parr, Thomas; Pezzulo, Giovanni; Friston, Karl J.; *Active Inference: The Free Energy Principle in Mind, Brain, and Behavior*; 291 p.; MIT Press; Cambridge; 2022.
24. Place, Ullin Thomas; *Is Consciousness a Brain Process?*; 50 p.; *British Journal of Psychology* 47; United Kingdom; 1956.
25. Platão; *A República de Platão* (*Plato's Republic*); 424 p.; trad. J. Guinburg; *Perspectiva*; São Paulo; 2010.
26. Rosenthal, D.; *Consciousness and Mind*; 386 p.; Oxford University Press; Oxford; 2005.
27. Russel, Bertrand; *The Analysis of Matter*; 418 p.; Routledge; Londres; 2022.
28. Santaella, Lúcia; *O Que é Semiótica?*; 86 p.; *Brasiliense*; São Paulo; 2009; páginas 10 e 11.
29. Schlosser, Ulisses; *Dicionário Neológico de Parafenomenologia*; pref. Rodrigo Marchioli; & Tatiana Lopes; revisores Liege Trentin; et al.; 704 p.; 4 Seções; 11 caps.; 21 estruturas remissivas; 18 subdivisões temáticas; 306 termos neológicos; 25 E-mail; 500 enus.; 1 foto; glos. 725 termos; 1 microbiografia; 93 refs.; 24 webgrafias; alf.; 28 x 21 x 5 cm; br.; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu; 2021; página 561.
30. Spinoza, Benedictus de; *Ética* (*Ethics*); 240 p.; trad. Thomaz Tadeu; *Autêntica*; Belo Horizonte; 2009.
31. Varela, Francisco J.; Thompson, Evan; Rosch, Eleanor; *The Embodied Mind: Cognitive Science and Human Experience*; 328 p.; The MIT Press; Cambridge; 2017.
32. Vieira, Waldo; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 blog; 21 E-mails; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 18 fotos; glos. 650 termos; 19 websites; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014a; página 351.
33. Idem; *Léxico de Ortopensatas*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. 1 e 2; 1 blog; 652 conceitos analógicos; 22 E-mails; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensenes tri-vocabulares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 websites; 28,5 x 22 x 10 cm; enc.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2014b; páginas 538 e 1.209.
34. Idem; *Nossa Evolução*; revisora Tatiana Lopes; 170 p.; 15 caps.; 149 abrevs.; 17 E-mails; 1 foto; 1 microbiografia; 162 perguntas; 162 respostas; 13 websites; glos. 282 termos; 6 refs.; alf.; 21 x 14 cm; br.; 3ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2010; páginas 7 e 20.
35. Idem; *Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano*; revisores Alexander Steiner; et al.; 1.254 p.; 18 seções; 525 caps.; 150 abrevs.; 17 E-mails; 1.156 enus.; 1 escala; 1 foto; 3 gráfs.; 42 ilus.; 1 microbiografia; 1 sinopse; 2 tabs.; 15 websites; glos. 300 termos; 2.041 refs.; alf.; geo.; ono.; 28 x 21 x 7 cm; enc.; 10ª Ed.; Associação Internacional Editares; Foz do Iguaçu, PR; 2009; página 34.